

# O Comercio da Povoada Varzim

Ano 20-N.º 24

Director e editor:—JOAQUIM GRAÇA.

17 de Junho de 1923

ASSINATURAS Portugal, continente, semestre 3650; colónias, ano 1200; Brazil, ano, (incluindo Açores) 15000; outros países estrangeiros, ano 18000.  
ANUNCIOS — Linha 40, Mais de uma publicação, preço convencional.

Publicação semanal — aos domingos

Este jornal, de grande tiragem, é o de maior circulação no concelho

REDAÇÃO E TIPOGRAFIA

Rua da Liberdade — Povoada Varzim  
Propriedade de FIANCO & IRIÃO



## Rocha Peixoto

De-certo uma claridade de justiça e de beleza na homenagem que a Povoada Varzim agora presta a um dos seus mais excelentes filhos — porque Rocha Peixoto foi, nos dias em que viveu, um dos portugueses que mais infatigavelmente lidaram, pela inteligência, para nobilitar a sua Pátria, pela reconstituição, em quadras admiráveis, do passado de Portugal, pela análise e revivescência dos costumes, da moral, da actividade da sua população através dos séculos, pelo inquérito minucioso a vida remota na Península Ibérica. Espírito duma cultura muito extensa e rica e possuindo dons subitís de assimilação, consagrou-se, de preferença, à etnografia, à etnologia, à arqueologia e à epigrafia; e, embora se tivesse especializado noutro ramo dos conhecimentos humanos, interessaram-no sempre as sciencias históricas, sendo nelas, afinal, que a sua superioridade mental se evidenciou, como o comprovam as valiosas monografias que deixou e que, publicadas primeiro na «Portugalia», a notavel revista que fundou com Ricardo Severo, foram mais tarde codificadas em volume.

Nestas monografias, que constituem uma larga obra critica, historica e filosofica, occupou-se Rocha Peixoto da malacologia popular, da tatuagem, das olarias primitivas, das inconografias em azulejo, das máns manuaes, da casa portuguesa, das ornamentações cerâmicas de caracter barbaico, das filigranas... Desappareceu prematuramente, em plena florescência do talento, mas ainda assim teve ensejo de fazer afirmações que não de prolongar a sua recordação no culto dos vivos.

Sendo um scientista de mérito evidente, Rocha Peixoto foi também um escritor brilhante, pela vivacidade do estilo, elegância plástica da forma, clareza da exposição, corte da frase, selecção e pureza verbal, ritmo, sobriedade e relevo da sua prosa de tam intenso poder expressivo! As personalidades, que, como Rocha Peixoto, se entregam ás especulações intellectuais, quasi nunca aliam o senso estético ao saber profundo. O grande naturalista, foi uma patente excepção a esta regra. As suas paginas luminosas, tam cheias de deducções, de revelações e de factos, são conjuntamente lições completas e trágicos lamúgos, como equívocos, com denunciação do homem de sciencia, uma forte individualidade artistica. E quem sabe se não foi talvez por estas raras virtudes que elle se desviou das sciencias physico-naturais para as que historicism a linha ascendente do ser pensante por entre o desfilar incessante do tempo!

Em tudo quanto escreveu, Rocha Peixoto não se limitou a reunir, a metodelisar e a disciplinar elementos para edificações futuras. Conhecendo como cujá disse em outro logar — os meios em que as gerações há muito extintas viveram, os seus traços, as suas alfaias, os seus instrumentos de trabalho, as suas industrias, o seu commercio, as suas armas, a sua organização familiar e guerreira, o seu sentimento religioso, as

## Rocha Peixoto

In memoriam

*Da poalha do tempo, a mão nervosa e fria  
Do louco sonhado, escava, alucinada,  
As sombras do Passado, e traz, á luz do dia,  
Uma crista romana, ha muito soterrada...*

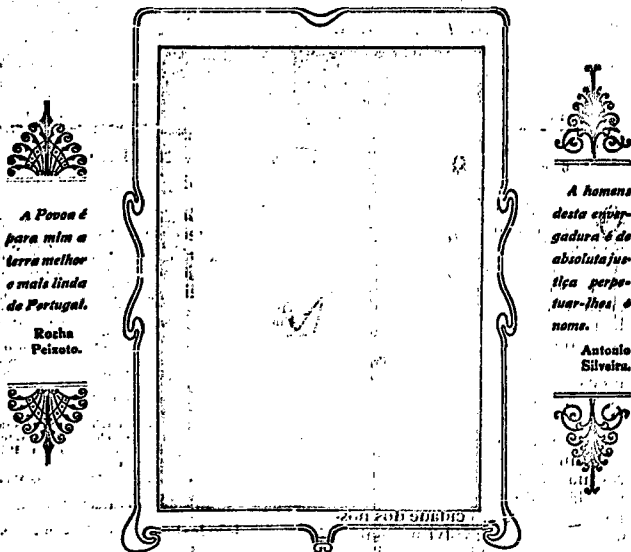
*Descreve febrilmente, o encanto, a magia  
Dessa ruina antiga. A alma iluminada,  
Procura descobrir a Arte, a Poesia,  
Da civilização, mil anos atacad. !...*

*E na tarefa inglória, exaure a propria vida,  
Arrancando ao olvido, a lenda adormecida,  
De velhos talismans, que a moirama escondeu...*

*Caturrice: de Sabio, inúteis bagatelas...  
Qu'importa á multidão, a historia das estrélas,  
E porque existe a Terra, e porque existe o Céu ? !...*

Junho de MCMXXIII

ARTUR DE ARAUJO



*A Povoada  
para mim a  
terra melhor  
e mais linda  
de Portugal.*

Rocha Peixoto.

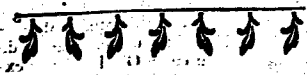
*A humana  
desta escriptura  
é de absoluta  
justiça perpetua-  
lha, o nome.*

António Silveira.

suas instituições económicas e sociais, compoz resumos incomparáveis da historia dessa vaga humanidade de que a actual foi a herdeira. A morte veio paralisar a sua mão aguçada, queimando-lhe no cerebro a luz do pensamento, antes dele realisar os livros fundamentais que eram a sua maior aspiração: — O Mar, A Planície e A Serra; todavia, o que Rocha Peixoto legou ao país — e já não falarei da sua alta competência como professor e como director da Bibliotheca Pública do Porto, a que prestou excepçionais serviços — basta para glorificar o seu nome, transmitindo-lhe um brilho duradouro...

Porto, 3 de Junho de 1923.

JOAQUIM GRAÇA.



solicitar dos competentes e especialistas.  
Esse aturado esforço em combater-me enseja a admirar as grandes qualidades de trabalho de Rocha Peixoto, a presteza e largueza do seu espirito, a sua preparação scientifica, a seriedade e predicação do seu caracter recto, honesto, leal e claro.

Outra vez nos encontramos, neste bello centro de estudos de que se orgulga a Portugalia, a magnificencia de Ricardo Severo, onde, trabalhando infatigavelmente com o seu methodo habitual, Rocha Peixoto deu, tanto como nos seus livros, a medida de todo o seu valor, como homem de sciencia. Mineralogista, etnologo, arqueologo, ele vinculou o seu nome, cheio de esperanças, ao movimento scientifico do fim do seculo passado e principio do actual e se a morte o não colhe na força da vida e na plena floracão do seu bello espirito, Rocha Peixoto viria ocupar um lugar bem saliente entre as figuras illustres do nosso mundo scientifico.

Consagrando-se, sobretudo, ao estudo das sciencias suas preferidas, a assuntos que mais directamente interessavam o seu país, pôde dizer-se que ele foi o devoto obreiro d'uma grande obra nacional, qual é a que consiste no estudo de todos aqueles problemas que se prendem com a propria vida intima da Nação, que lhe preparam uma mais nitida consciencia do seu meio natural e social, do seu caracter, das suas exigencias e dos seus destinos. Para elle chamavam não só disposições naturaes o seu espirito, mas tambem o seu ardente e esclarecido patriotismo.

A Povoada, que não justamente se gloria de ter sido berço de Rocha Peixoto, póde tambem orgulhar-se de ter produzido um filho, que, noutro campo de actividade intellectual, honrou e embelleceu esse lindo canto da terra patria, onde os seus olhos se abriram á luz do dia e que não raro era ao seu coração de portuguez!

LUIZ DE MAGALHÃES.

## Rocha Peixoto

NAS referencias a este camarada eminentemente, cuja perda cada vez se lhe faz sentir mais na mentalidade portugueza, quasi sempre temos visto tratar do homem de sciencia, e quasi nenhuma allusão ao que elle foi tambem dum modo muito seu e brilhante — um homem de letras! Pois é dessa aliança notavel e rara entre nós que vem um dos mais vivos realçoes de Rocha Peixoto. Ele formou, e é certo, com Martins Sarmiento e Alberto Sampaio, o grupo dos modernos e altos historiadores da Terra portugueza. Provam-no os seus trabalhos impressos, e — al d'ele e de nós todos — aquellos manuscritos que ficaram inéditos, a enorme soma de labor de muitos anos, as notas e documentos colhidos em viagens ásperas pela Serra, ou nas ribeiras, junto do nosso Atlantico — o eterno revoltado e o preso eterno... Mas elle foi tambem o artista original e forte, que deu á prosa scientifica de Portugal todo o esmalte, toda a suggestão e toda a graça. Bem sabemos que grande parte dos nossos homens de sciencia, que mal podem escrever com nitidez uma pagina, o respeitaram aquiescente, todo da erudição e do saber, mas que viviam na Arte e que ella é o que ella vale no mundo, devem reconhecer que o prosador que Rocha Peixoto se não perde na valorização dos seus extraordinarios meritos, e reconhecer que da que a esbelteza da sua forma tinha raras vivas no seu nobre oracão — des mais bello, que ainda nos foi dado conhecer. Por baixo da sua modesta e aparente sciencismo, havia um simpatico poeta, um paladino entusiastico das suas ideias e... das suas quimeras: o seu espirito era o dum democrat generoso, embebido de forças creadoras e fecundas da glória e da vida foi um exemplo de sympathia cordal. Em uma vez de meia duzia de linhas sobre este grande e querido morto, não fosse possível escrever um artigo, ser-nos-hia grato ao tratar de um modestamente se costuma chamar a epigraphia do homem, mostrar como era scrupuloso nos sentimentos affectuosos e altruistas que a sua alma se inclinava — a semelhança das flores, ainda as mais silvestres e bravias, que se cultivam constantemente para a vida...

JULIO BRANDÃO

## Rocha Peixoto

CONHECI Rocha Peixoto al por 1886, na redacção da Provincia, quando elle ali publicou uma serie de artigos, muito notaveis, sobre o Museu municipal do Porto. Era, então, um moço de dezesseis ou dezessete anos, quasi imberbe, limido e modesto, mas que já, nesse trabalho, que fez barulho, mostrava a precocidade da sua intelligencia e uma cultura rarissima em tão verdes anos. Mais tarde, depois do 31 de Janeiro, intervimos, os dois, n'um lance difficil da vida d'um amigo comum: Bazilho Teles. As nossas relações estreitaram-se, então, mais e, no ano seguinte, sendo-me confiado por Epca de Queiroz e sub-direcção da Revista de Portugal, convidei Rocha Peixoto para secretario da redacção.

Foi d'esta nossa cooperação que saiu o quarto e ultimo volume d'essa revista, a que procuramos dar pontualidade, interesse, variedade e actualidade: nos artigos que, sobre cada assunto, fomos

# ROCHA PEIXOTO

(Alguns trechos do discurso proferido na sessão solene da inauguração do seu retrato, na Câmara Municipal da Povoia.)

Por desgraça nossa e para peizo de todos, salteou a morte em plena actividade da sua vida de professor, de publicista e de extenuo e duvidado investigador e coleccionador de tudo quanto constitui o *substratum*, inconfundível e indefectível, da *græi* posturgura.

Centro essencialmente privilegiado e amante extremosissimo da sua patria, ele nunca se poupou a diligencias de grande o de dnhelgo para descobrir, auscultar, delectar moitos, dos mais importantes e aesa desrecheidos materiais do nosso viver e progredir coherentes, concatenando-os, unido-os e dispondo-os de forma a sorrirem da alliceira a um realer e mais vasto edificio, que a sua mente, floha já planeado, mas que a tuberculose e traçoira e impenitente quebrou de encontro ás arestas do sepulchro. Pariso mesmo, morreu pobre e novo.

Conhecendo perfeitamente as sciencias fisico-naturais, dedicou-se a antropologia e a prehistoria, com raro engenho e meho inextinguível, procurou e vai descrevendo essa litânica linde, que, através os seculos e por meio das combinações mais extravagantes marca a sua existencia mas oscillante ascendencia do homem, trazendo-o dos lumes indolhos das primitivas idades para os raiços saluosos e fulgurantemente litivos da moderna civilização.

Pois um escavador indefesso e singularissimo man-jando com igual pericia a geologia, a epigraphia, a hierologia e o folk-lore; o quando, á uns ultimos anos da sua existencia, se lançou com alma e com febre — alma, que lhe fallou e febre, que o exultava — no estudo da ethnographia, era de vir como das suas mãos pequiras e nervosas, quasi feminis, resurgiam, mais belos e mais utilidos, ao saber da sua prosa, esculchral e doce, tidos casos delicados: tessolros da sua industria e da nossa indumentaria antigas — de rendas e de filigranas, a claria e os azulejos, os vestraios e os apetrechos de pesca, e impenoncia gracil dos alliceiros e a ingenuidade: cumovedora das taboias votivas — tudo, enfim, que nos usos e costumes nacionais duha a acrinala o traço imperceptível dum povo, que eticoa soube desprender-se, nem mesmo até aos mais bravas arremetidas do seu heroismo, de chana arte e inapagavel da sua provincia e alliceira creanga religiosa.

Como é natural, fez-se-lhe rapido o renome; mas os elogios com que o festejavam e a honra com que o distinguam — algumas com precedentes nos annos de tão coopeccas como prestancia associações — se não serviram para fracturá-lhe a modestia, que era espontanea e lidima, também não serviram nem poucan servir para oxidá-lhe o caracter, que era impoluto e de mais fulsimo oiro.

Dizem-me que, quando morreu, o seu corpo delicadinho e magrinho, apante a sua calca, se conservou sempre grande e bello, pacico e dumo perfeito creanga.

Eu o creio, meus senhores. Foi rudo, agreste e tormentoso a sua molhidade — daquella rudes, que vem das implementas de orlandia; daquella agresta, que salta dos indelivancive deveres para com os entes; que nos entregam e que nos são caros; daquella tormenta, que espantava, ferindo e eisanguando, da ancia, da necessidade de romper, de marchar na vida. Batalhou, batalhou sempre, sem descanço e com denodo, encontrando aqui e ali — quem os não encont-a? — o despeito e o odio, mas sem que nunca dos seus labios se esvoassem a intriga e da sua pena se deslhasse a catonia: actas, como as crianças, soltava a pedra e mandava a desculpa branda o golpe e sanava a ferida.

Fra um polemista ferivel, não ha duvida; mas era também um franco, sincero e leal adversario.

As suas pugnas literarias e scientificas são daquellas que se não esquecem, porque ao mesmo tempo que revelavam a grandez e o fulgor do seu talento, o do seu saber, manifestavam também os primores da sua educação e as excellencias da sua superioridade.

Sim, meus senhores, é com talera, com pleonasma razão que, hoje como ontem, lamentamos a sua perda e que, agora como sempre, nos confessamos devedores dumo dívida, que é preciso saldar, e quanto mais depreza melhor. Estão nisto empenhadas a nossa palavra e a nossa gratidão, que louvado Deus não ainda entre nós meoda do meoi sem lisa.

Este mesmo edificio, a quem ele legou as coisas que mais estimava e lha de lo melhor, e onde agora se etactela, dá-nos-me assim dizer, a sua primeira elege publicis; e muito devo aos cuidados dum outro illustre porrense, que felizmente ainda vive, e oiais que por ditados anos, é incontestavel que habueca por todos os poros e grita a todos os cantos o nome de Rocha Peixoto, que por verdades

alguns e caricias d'ante na reconstrução e restauração da sua *Domas Municipalis*.

A honra desta paveradura moral, intellectual e patriótica — claramente que é de absoluta justiça que se lhe perpetue o nome, a todos os titulos e por todas as formas.

E não se diga, meus senhores, que a Povoia não tem a quem erguer os pedestais da sua admiração — da sua e do país inteiro.

Para não ir metajonge nem buscar outros campos do acção desde Francisco de Almaraz, nosso irmão adoptivo e incito propulsor da nossa torça consciendo e autonoma; des'e a Sacra Familia, o habil teologo, o professor abalusto e o geografo distincto, que, pela largueza da sua erudição e pela inquebrantabilidade do seu caracter, soube impôr-se ao respeito e á consideração da sua patria, da Franca e da Inglaterra; desde Gomes Amorim, lillante que a si proprio se lapidou, alhoando camilhe ás espontaneas gedilhões da sua mais popular e crevendo, com a sua obra sobre a vida de Garrett um singular e formosissimo exemplo da delectação portugueza; desde Epa de Queiroz, o admiravel, o extraordinario mestre, que na nossa prosa esboçou inoventos e indimentos da architectura literaria, enchendo-os de luz e de verdade, de fantasia e de sonho, como aquelas ambicionadas regias onde a algria do riso, a zardo do espirito e a bonhomia do act) são como que muros difanos a recobrir congostos atavismos e erros de educação — romancista que se não iguala, psicologo que se não exerce e humorista que se não exerce... até Rocha Peixoto, amigo de todos e de todos querido, descobridor e arreitor das ignoradas trilhas do nosso passado — ah! meus senhores! — a Povoia tem bem para onde levantar os olhos do seu orgulho e do seu valimento, soltanto ao velle da sua popularidade e da fama o nome prestigioso dos seus filhos.

E bem-lhe garantes, que até nesta hora de saudade e gratidão para com o mais novo de todos, pouco qui a nossa terra remoe e se avilora, transbordante de coraça e do fé, como quando no seio, opes a tormenta, o sol dardija mais vivo e amosera se impregna do aroma das flores e dos marulhos do mar, cantando em unidos as queleas, vibrantes e magistralis, mas estrolas da Vida e do Trabalho.

ANTONIO SILVEIRA.

## ROCHA PEIXOTO

### À CIDDADE DE TERROSO

que vale, é que a gente morre e parece que não volta a este mundo. Se Rocha Peixoto tornasse à Cívidade le choraria de raiva...

Eu vi ainda as casas prehistoricas com todas as paredes acabadas de sair das escavações e abenção a hora religiosa desse domingo tão distante em que meus passos se dirigiram para o monte, na evocação de legares conhecidos da minha infancia, num regresso de Africa.

Nunca mais senti, nem senti na minha vida, uma impressão tão intensa como perante as ruinas valiosas da cidade dos nossos antepassados: volvi-me, então, relebrando a historia, aos tempos dessas comunidades fortes nos cimos dos montes; e fantasiar a evolução pensa da grei desde os tempos da ferramenta de pedra até Augustus desde o romano dominador até ao portuguez desirmanado dos nossos dias.

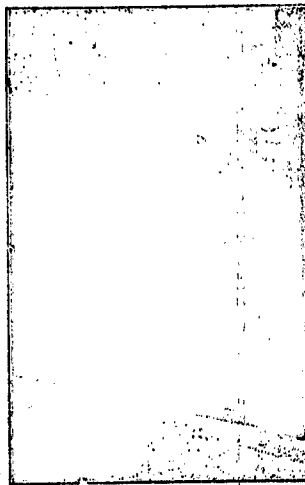
Muitas vezes voltei depois ao monte da Cívidade, de cada vez que regressava a Portugal. Com espanto vi que demoliram as casas — que deviam ser os monumentos mais sagrados da gente poveira. Mais tarde levaram a pedra para macadam duma estrada, creio que para os lados de Abremar (eu escrevo Abremar, como me ensinaram a dizer quando eu era pequeno). — Assim a Povoia perdeu o seu mais notavel documento genealogico; o seu mais valioso elemento de turismo; como mostrara o pouco respeito pelos seus antepassados.

Na terra chã, coberta de tojo, da antiga Cívidade, onde nem os pinheiros cresceram ainda como

miseravel justificação da barbaridade cometida, seismo muitas vezes, com revolta e saudade, na pleiade de homens da «Portugalia», em que Rocha Peixoto punha a vontade de concatenar actividades estudiosas, numa obra de patrimonio nacional. Morreram uns; dispersaram-se os outros. Os homens preponderantes destes tempos de agora, nos quais domina a incultura e a metade inferior da face, são indifferentes á marcha evolutiva da civilização: não sentiram a perda da Cívidade; pouco lhes importa que a acarinha-la ao sol da gloria da gente lusa tivesse andado Rocha Peixoto. Desappareceram ambos.

Porto, 31 Maio 1923.

EZEQUIEL DE CAMPOS.



Casa onde nasceu Rocha Peixoto

Considerando que o falecido cidadão Antonio Augusto da Rocha Peixoto, grande republicano, abalizado professor e publicista insigne, honrou o país com os seus patrióticos trabalhos de investigação scientifica, tendo-se notabilizado, sobretudo pelo seu livro «A Terra Portu-gueza» e pela vasta obra publicada na revista «Portugalia» de que foi redactor-chefe, e constituiu um importante repositório de materiais para o estudo do povo portuguez;

Considerando que este malogrado e illustre cidadão legou a sua valiosa colleção de livros á Bibliotheca Municipal da Povoia de Varzim, sua terra natal;

Atendendo á proposta da Escola Primaria Superior da mesma villa;

Manda o governo da Republica Portuguesa, pelo Ministro da Instrução Publica, que a referida Escola passe a denominar-se Escola Primaria Superior de Rocha Peixoto.

Paços do Governo da Republica, 13 de Maio de 1923.

O Ministro da Instrução Publica,

João José da Concelção Carneozas.

## O crasto de Ossela

QUANDO, um dia, se fizér o inventario da obra ethnographica e archaeologica de Rocha Peixoto, reconhecera-se-ha a vastidão e valia do seu porfiado labor.

E' dever dos que poderam apreciar as suas raras faculdades reunir elementos para essa preciosa synthese, que constituirá a maior e melhor glorificação da sua egregia personalidade.

Por isso, vamos referir-nos ao curso valioso que ele prestou para o estudo crasto de Ossela, quando nos occupavamos da elaboração dos «Anais do Municipio de Oliveira de Azemeis» (1).

Por iniciativa de Rocha Peixoto, então conservador do Museu Municipal do Porto, foi um empregado do mesmo Museu a Ossela realizar explorações nesse castro que, não obs-

tante as profundas devastações originadas na afronta dos tempos e ataques dos homens, conserva ainda os vestigios que permitem a sua inclusão no tipo dos *opida*, ou povoações fortificadas dos cerrros montanhosos.

Não foi grande a colheita obtida nessa exploração. Rocha Peixoto nullo disse, nestas singelas palavras: «Chegou o empregado. Effectivamente a exploração não correspondeu, nem á expectativa, nem ao dispêndio».

Com manifesta satisfação, o erudito archeologo dá-nos conta, porém, de uma descoberto interessante: «Mais distante, a hora e meia de caminhar, foi o meu empregado deparar com um castro de grande ambito, tipo das cividades minhotas, ainda com vastos panos de muralhas. Era aí que deviamos atacar. Lica para outra vez».

Não quiz a morte que essa nova exploração se realisasse. Sendo assim a archeologia portugueza privada de uma contribuição, sem duvida, preciosa!

Pena foi, por todas as razões; mas, sobretudo porque no castro a explorar ha ainda vastos panos de muralhas, ao passo que, no de Ossela, «mal se avinham já os vestigios de muralhas, se bem que a configuração da collina vagamente denuncia a sua existencia olvidada».

Da observação das fundações das casas de tipo redondo e quadrado, com relévo característico e aparelho analogo aos já classicos de Sabroso e Briteiros; assim como do exame do espolio lusitano-romano existente com mobiliario de data mais recente (fragmentos de fíbulas, fivelas e outros restos inclassificaveis de bronze, despojos ceramicos de ornamentação incisa muito caracteristica, rebutilhos de olaria grosseira, fragmentos de *tegulae* e *imbrices*, pedacos de vidro de diversas corações, utensilios de ferro quasi informes) — concluiu Rocha Peixoto que, abandonando e opidum, em qualquer altura dos tempos ignorada e imprecisa, succedeu-lhe um cemiterio analogamente ao que se verificou, em 1907, no castro de Landim (Povoia de Varzim).

Numerosas sepulturas disseminavam-se arbitrariamente, não só pela antiga necropole; mas ainda nos tableiros inferiores. Em varias casas surgiram os despojos osteologicos num relativo bom estado de conservação. Nelas ou suas proximidades appareceram moedas portuguezas.

O castro de Ossela é, pois, pelos seus residuos architectonicos, metalicos e figulinos, uma estação pre-romana. «Effectuada a conquista, escreveu Rocha Peixoto — sobreviera a residencia, como o comprovaram alguns restos de loica do tipo de Arezjo; e, porventura, dilatou-se por muito tempo; extinguiu-se numa epoca historica já adiantada, e finalmente, transmutou-se em vasta necropole cristã, a seu turno também apagada da memoria dos homens!».

Dignos de nota são, como se vê, os elementos colhidos por esse culto homem de sciencia que foi Rocha Peixoto, para o reconhecimento do crasto de Ossela.

Devemos á memoria do esclarecido anthropologista o preito da nossa gratidão, pelo serviço que prestou a uma obra em que puzemos o amor pela nossa terra natal, Oliveira de Azemeis.

E-lhe devida, por igual, a gratidão de todos nós, pelo muito que trabalhou para o reconhecimento da historia do povo portuguez.

Maio, 1927.

BENTO CARQUEJA.

RECORDANDO

JÁ não mais de 30 anos, e ainda os ecos da revolta que um punhado de novos—Rocha Peixoto, Ricardo Severo, João Baptista... lançou na pacatez pinguim da ciência oficial portuguesa são aos nossos ouvidos, como se de ontem fóra a atitude iconoclasta e petulante dessa meia dúzia de rapazes, cuja rebeldia não excedia o seu talento.

Mas, nem só a Escola, fossilizada nos velhos moldes livrescos e no hieratismo pedantocrático dos lentes, os preocupava e lhes ariava as iras que éles desabafavam vingadoramente, ou por meio da grafia norral—tão do nosso gosto e do nosso gosto,—com dizeres a carvão mais benignamente ameaçadores, do que os do celebrado festim bibliológico, ou por meio de boutades de tal modo penetrantes, que atingiam os proprios colegas, pasmados, no seu conceitismo subserviente, de tanta audácia e de tanta irreverência. Também, fóra dela, nada escapava à sua mordacidade exuberante e caricatural, e as blandas porque faziam passar o burgo quadrado e ricoço, nem sequer as pompavam no proprio e inofensivo Senhor dos Passos da Graça!

A par e passo, porém, como arautos de uma legião nova, que se propunha tornar conhecida a amada terra de Portugal, e-filos nas suas romagens constantes por montes e vales, percorrendo o país e perscrutando-o em exatidão, no seu remoto passado, cor-de-rando-o com amor, no se- presente, estudando-o, com carinho, nas suas artes, nas suas indústrias, nos seus costumes, em tudo, finalmente, quanto pudes, a inter-resar e caracterisar a grei.

Desde a ribeira até à rala secca e quasi do norte a sul, nada escapava à áncia indagadora da extraordinária pleiade tão afeerrada ao solo e à raça, e dum e doutre exumando, para a mostrar, as nobres tradições e a nobre história!

De entre o grupo magnifico, na pequenez estatural dos seus membros e do seu tronco, em que assentava uma cabeça desproporcionada, d'alto frontal, escaneado sobrepondo-se ás chammas vivas de uns olhos que eu comparava aos de Junqueiro—sobressaia o autor imperecível de «A Terra Portuguesa», o colaborador, eminente dessa colossal «Portugalia», o espirito gentilissimo que a minha saúde época, na recordação de um passado que o tempo não apagará, porque vive no meu coração.

Novo ainda, quando as suas enormes faculdades, evoluindo mais e mais— sempre ascendendo! — prometiam a continuação de uma obra que é já de per si um espólio glorioso, é brutalmente atraído para a sepultura, como se a morte niveladora prematuramente o escolhesse, para que sentissemos, hem escancarado, o doloroso e imprehenhível vacuo que a sua falta nos deixou!

Vinda bem fundo na minha memoria visual tenho a sua figura querida. Ela não me esquece. Como também sempre, aos meus ouvidos, hão-de soar as palavras torturantes, com que, tres ou quatro dias antes de morrer, apertadas nas minhas as suas mãos quasi frias, se despedia de mim:

audens, meu querido J. R., até ao au-delá!

Sim, até junto de Deus, que deve guardar, ciosamente, a tua alma tão limpida, o teu coração tão puro!

Braça, Junho, 1927.

João Barroso Dias.

Características científicas

da obra de Rocha Peixoto

CHAMAM-ME um naturalista e até arqueólogo; eu, porém, Peixoto referia-se aos termos empregados pelo jornalismo, quando tratava da sua pessoa ou escritos (9). E' que o jornalismo não era realmente idoneo para classificar à justa os seus notáveis trabalhos. Preferindo a frase de efeito, a frase vulgar, a exactidão, o jornalismo, talho de tempo para estudos, somente tarde soube qual o verdadeiro qualificativo devido à actividade e erudição de Rocha Peixoto, assentando, afinal, na palavra científica porque havia de se lhe referir.

Sem duvida ha, na obra dispersa de Rocha Peixoto, dois generos distintos que podem, em um minima quantidade, induzir em erro de classificação os artigos ligeiros sobre assuntos que lhe eram familiares, artigos vindos a lume na imprensa periodica, e para ainostra os folhetins em «O Primeiro de Janeiro», a maior parte deles enclivados sob o título «A Terra Portuguesa» — e os artigos de leição pura e rigorosamente científica e artigos-monografias, contidos nas paginas da «Revista de Sciencias Naturais e Sociais» e nas da «Portugalia». Os artigos da primeira destas revistas constituem a fase preparatoria ou de primeiras provas do talento do eminente homem de sciencia, e os da segunda corresp. adem, à fase de complemento, de perfeição, de plena posse de todos os recursos que o tornaram verdadeiramente autorizado numa especialidade ardua e que poucos autores possuem. Rocha Peixoto foi um dos creadores dos largos e completos estudos etnograficos em Portugal e um dos mais intigaveis e entusiasticos dos seus propugnadores.

Analisada atentamente essa sua tão valiosa obra, resalta nitido, iniludivel e definitivo este conceito. Rocha Peixoto detestava o enciclopedismo e exigia de quem se confinava em determinada especialidade uma constancia e uma dedicacão semelhantes ás suas.

Admittia a generalidade de conhecimentos necessaria ao estudo sério de qualquer ramo sciencífico; mas o melhor dos esforços e dos sacrificios queria o para o serviço exclusivo dum só especie de estudos e trabalhos. E, claro, sempre que podia adquirir ou desviar elementos para a sua cruzada, fazia-o. Era, todos os que com ele conviviam o sabem, versado nas sciencias naturais e na arqueologia e nos seus varios departamentos; mas subordinava essa comprehensão ao seu plano geral, à sua empresa incabada, e quando mais numerosos, ricos e solidos eram os materiais recolhidos e seleccionados, para o estudo aprofundado da grei.

Entre o primeiro e ultimo trabalho deste indefesso luctador interpõem-se vinte anos, os melhores da sua vida.

Postas em presença uma da outra estas duas produções de Rocha Peixoto, apesar do contraste que se nota na sua factura—o sómimo de assunto, as inevitaveis hesitações e deficiencias de forma, o incipiente cabedal de conhecimentos, na primeira («Contribuição para a etnografia portuguesa» — Notas sobre malacologia popular — In Revista de Sciencias Naturais e Sociais» — Maio de 1889, pag. 75/90 do tomo I); e, na ultima, a superioridade do tema, na mais artistica prosa, o completo dos pormenores, a firmeza na investigação e a soma de auxiliares reveladora do estudo aprofundado e esgotante («Etnografia Portuguesa» — As Filigranas — Janeiro de 1908 — In Portugalia pag. 540/579 do tomo II), vê-se que a orientação é a mesma, que se visa o mesmo scopo.

Entre estes dois termos da serie facil é seguir, nos intermeccios, a ascensão segura do talento de Rocha Peixoto—talento servido pelo estudo aturado e vasto e por uma independencia de

critério rara e altamente proveitosa para a Sciencia.

E' o que patenteiam esses successivos trabalhos, a que Rocha Peixoto se dedicou com gosto e paixão, uma paixão communicativa e que não pequenos frutos produziu! Sempre a pesquisa de materiais para o estudo do povo português — a formula mais completa e perfeita para se fazer a sua verdadeira historia. E não falo na sua obra culminante, obra de tempo, para que tinha coligido centenas de observações, inqentios, esboços, desenhos e fotografias, obra inclita e que talvez nunca será conhecida dos seus admiradores!

Era o etnografico sempre a revelar-se, sempre em busca de todos os elementos, ainda os mais variados, ainda os que se encontravam subordinados à acção de diversas sciencias e artes— a antropologia, a linguistica, a numismatica, a ceramica, a joalharia, a diplomatica, a bibliologia, a epigrafia e o mais.

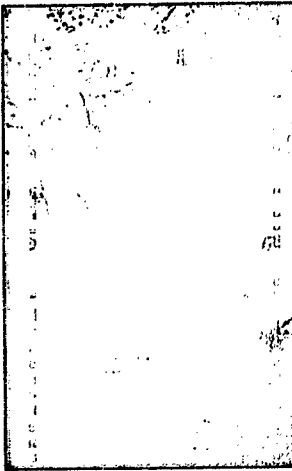
Classificação de jornalismo essa de naturalista e arqueólogo, classificacão superficial, incompleta que o sabio illustre, sempre preciso nas ideias e sempre rigoroso no formalismo, sumariou, condensou no verdadeiro termo— etnografico, porque para esta sciencia corcorrem os dados mais diversos e mais complexos. O jornalismo não faltou essencialmente à verdade, mas não empregou o termo apropriado, que Rocha Peixoto accentuou como leição, porque para ele a precisão, o acertado das palavras na linguagem scientifica era da maxima importancia, e de que não perdoava a minima infracção.

Nalco—1927

MANUEL SILVA.

(9) E não só o jornalismo, que indico especialmente por a ele se reportar R. P. a Academia de Sciencias de Portugal intitulada R. P. de arqueologo na lista dos seus socios fundadores e na lista dos obitos de 4 de Agosto de 1908 a 31 de Outubro de 1915 (Trabalhos da Academia de Sciencias de Portugal — Primeira serie — Tomo IV, pag. 10 e 77). O dito de R. P., que encima este escrito, ouvi-o da propria bocca do seu autor.

M. S.



E. P. S. de Rocha Peixoto

ROCHA PEIXOTO

As minhas relações com Rocha Peixoto iniciaram-se em 1885.

Em fevereiro desse ano recebia eu uma carta dele pedindo-me para ir a sua casa conversar sobre questões scientificas e desculpando-se por não ir a minha casa pois que receava incomodarme.

Conheci-o apenas de nome, sabia que se interessava pela sciencia e que fundara um gremio, de rapazes sim, mas no qual punha todas as suas esperanças.

Fui visitado e desde logo a maior simpatia me ligou a esse rapaz de fronte alta; de peito sumido de mau pres-

gio, acanhado mas de viva intelligencia e com largos projectos em esboço.

Como nesse tempo frequentava Coimbra só de tempos a tempos nos viamos; as nossas relações mantinham-se todavia com assiduidade por cartas que trocavamos.

A inauguração do gremio havia sido entusiastica, todos discursaram, todos recitaram «versalhados» como ele dizia, mas as difficuldades começaram a surgir, desde que fora necessario custear as despesas. Assim a vida desse gremio era cheia de difficuldades: uma occasião houve em que o gremio tinha uma divida de 60.000 e Rocha Peixoto para satisfazer a conta de 20.000 ficara sem o relógio, a cadeira e a bolsa.

Não desistira, porém. O gremio tinha resolvido criar uma revista scientifica e literaria de que seriam redactores Antonio Nobre, Hamilton de Araújo, João Barreira e Rocha Peixoto, divergindo as opiniões sobre qual deveria ser a sua principal orientação; qual imo entendia que devia ser mais literaria, os outros que deveria ser mais scientifica.

Rocha Peixoto iniciara a organização das collecções com materias que conseguiu na Povoia de Varzim, pediam que lhe classificasse as especies que eu conhecia, que lhe indicasse livros para se dedicar à conchiologia e que lhe conseguisse permutas no estrangeiro. Mas a vida do gremio tinha os seus dias contados, havia sido agra e, em fins de Junho, a liquidacão das suas contas punha termo à sua primeira iniciativa scientifica.

Mas o que havia a esperar das finanças de rapazes cujos fundos eram tais que para se levar a cabo uma lauta ceia de azeitonas e borra, alipara os ladros da rotunda da Boavista e à qual eu me agregava como conviva e tesoureiro, era regular o consumo das iguarias pelos vinte que ia contando no meu bolso, resultado da cotisacão previa feita entre nós!

Tambem, por esse tempo, para eu acabar de liquidar uma conta na tipografia Morgaolo, pela impressão da terceira monografia que publicava, vi-me obrigado, pelo horror que tinha ás dividas, em empenhar por 7.000 a minha corrente de ouro, que nunca mais vi.

Rocha Peixoto, porém, não desistia dos seus projectos.

O seu espirito combalativo já por essa época se manifestava numa polemica com um adversario que no seu dizer era de pulso, o que não admirava pois frequentava a Universidade.

Era um caso de jesuitas.

Consultara porém Oliveira Martins que achou mais prudente o termo da contenda. Depois de conversar com Oliveira Martins e de ler os seus livros reconhecera que não tinha conhecimentos suficientes para entrar em campo vasto, nem logica, nem sociologia, nem biologia, etc., sciencias que considerava então como indispensaveis para uma perfeita orientação scientifica.

Estou convencido de que foi a leitura desses livros que teve uma influencia poderosa na orientação scientifica que desde então seguiu.

Em 1889 fundou, com outros colaboradores a Sociedade Carlos Ribeiro. A consulta que me fez não lhe pude dar largas esperanças de vida prospera, tal era o desanimio que então sentia pelo exemplo da Sociedade de Instrução do Porto que chegou a atingir um periodo de brilho, raro entre nós. Parece que Rocha Peixoto não gostou e talvez por isso me incluiu apenas no grupo dos colaboradores da revista.

Por esse tempo iniciara Rocha Peixoto uma campanha contra o Museu Municipal do Porto, publicando uma serie de artigos na Provincia.

Dessa campanha resultou a nomeação, pela Camara, dum commissão encarregada de propor a reorganização desse Museu, mas a sua acção não chegou a passar da publicacão dum relatório.

Em 1888 compendia em folheto os artigos da Provincia, em parte modificados, mas como me dizia para Paris, onde então me encontrava em estudos, a campanha encetada não produziu mais resultados.

Frequentava então Rocha Peixoto a Academia Politecnica e são de então alguns folhetos de combate, contra João Bonança e contra o ensino na Politecnica, que causaram escandalo, mas sem que os rapazes atingidos por essa critica tirassem qualquer desforço.

Rocha Peixoto tivera tambem um conflito imminente com um professor, por causa dumha questinçula na aula. Com o meu regresso de Paris as